



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**Curso de Licenciatura**

**JÚLIA SANTIAGO PIMENTA**

**O CORPO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Brasília/DF

2019

Júlia Santiago Pimenta

## O CORPO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

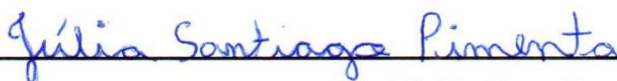
Monografia apresentada ao curso de educação física da universidade de Brasília como pré-requisito para a conclusão de curso em educação física- Licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Maria Corrêa Medina.

Brasilia/DF

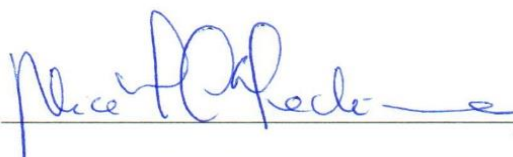
2019

Monografia apresentada a Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção  
da conclusão do curso em Educação Física- Licenciatura.




Júlia Santiago Pimenta

Monografia Apresentada em: 08/07/2019



Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alice Maria Corrêa Medina



Examinadora Claudia Maria Goulart dos Santos

## Dedicatória

Dedico este trabalho a meus familiares e amigos que me apoiaram e me deram forças durante esta jornada.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por toda força e determinação concedida por Ele para que pudesse ser concluída com êxito mais esta etapa da minha vida.

Agradeço a minha família por todo o suporte, amor, carinho e incentivo que me deram durante esta caminhada, tornando possível a construção deste trabalho.

À minha orientadora Alice, que sempre esteve presente me ajudando, corrigindo e orientando na realização deste trabalho da melhor forma possível.

E por fim, a minhas amigas que acompanharam de perto esta jornada, que me apoiaram nas dificuldades, tiveram paciência e sempre me incentivaram. E assim, deixo aqui registrada a minha gratidão a todos!

Que os vossos esforços desafiem as  
impossibilidades, lembrai-vos de que as  
grandes coisas do homem foram  
conquistadas do que parecia impossível.

(Charles Chaplin)

## RESUMO

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica a respeito do corpo na educação física. O objetivo foi verificar a abordagem da cultura corporal pelos profissionais de educação física no ambiente escolar. O trabalho possui 6 capítulos, tendo cada um uma abordagem específica da cultura corporal em cada nível de ensino. Foi possível concluir que a educação física ainda é influenciada pelo seu histórico militarista e higienista, apesar de alguns avanços na mudança desses paradigmas. Conclui-se também que existe uma hegemonia do esporte dentro dos conteúdos das aulas, apesar de documentos relacionados a educação física apresentarem uma variedade de conteúdos a serem ministrados. Nota-se, por meio desse estudo, que a educação física tem um importante papel relacionado a dimensão crítica sobre a estética, seja para contribuir com pensamentos críticos a respeito ou para reforçar o padrão/modelo vinculado pela indústria midiática. Por fim, entende-se que o professor de educação física possui um importante papel no auxílio do desenvolvimento de um pensamento crítico dos estudantes.

Palavras chave: educação física, corpo, cultura e escola.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2 OBJETIVO GERAL.....	11
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.4 JUSTIFICATIVA.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 Corpo e estética.....	12
2.2 Corpo na visão pedagógica.....	15
2.3 Corpo na educação física.....	17
2.4 Corpo na educação infantil.....	20
2.5 Corpo no ensino fundamental.....	23
2.6 Corpo no ensino médio.....	24
3. METODOLOGIA.....	27
4. DISCUSSÃO.....	27
5. CONCLUSÃO.....	29
6. REFERENCIAS.....	31



## 1. INTRODUÇÃO

A educação física brasileira nasce no século XIX a partir das necessidades dos médicos higienistas de reduzirem a taxa de mortalidade pela falta de cuidados da população com a higiene, não cuidando apenas da saúde individual, mas também coletiva. A educação física, a partir desta perspectiva, visava resolver o problema da saúde pública pela educação. (GHIRADELLI JUNIOR, 2007).

A inculcação dos exercícios físicos como hábito higiênico, antes de ser a base de uma educação corporal, caracterizava-se também como uma educação moral. Ou seja, tinha a prerrogativa de reforma das atitudes. Valorizando, assim, a disposição, o trabalho físico era considerado um bem individual e coletivo, que deveria ser promovido desde a infância. (COSTA; SANTOS; GÓIS JUNIOR, 2014, p.280).

A educação física, conhecida na época como ginástica, tinha o objetivo de educar os corpos de forma que se livrassem de vícios e atitudes que eram prejudiciais à saúde. Para os médicos, deveria ser praticada desde a infância. Entretanto, havia uma diferença em relação a meninas e meninos. As atividades físicas para as meninas eram voltadas para atividades livres, direcionadas a maternidade, enquanto para os meninos, eram orientados para a atividade militar.

Assim, o discurso médico da época defendia abertamente uma “gymnastica” escolar, com características higiênicas, sendo ela, disciplinadora, reguladora e disseminadora dos hábitos saudáveis. Defendiam, portanto uma prática moderada e principalmente acompanhada por um mestre capacitado com conhecimentos acerca dos conteúdos que regiam a “gymnastica”. (COSTA; SANTOS; GÓIS JUNIOR, 2014, p.280).

Portanto, nesta época, o corpo era considerado apenas em seu aspecto físico e relacionado a educação corporal, com o objetivo de promover a saúde e educação moral. A educação física, era utilizada como meio de orientar as atividades físicas, principalmente nas escolas, onde se acreditava que seria o melhor meio de se propagar hábitos saudáveis.

Com a chegada da ditadura militar, em meados do século XX, a prática de atividade física e de esportes era uma forma de evitar críticas ao governo militar, além de reforçar a competitividade e a disciplina. Essas atividades eram praticadas na escola com

o intuito de criar um sentimento de nacionalismo, para fortalecimento corporal e disciplinar os alunos. (CERQUEIRA SOUZA, 2015).

A constituição de corpos saudáveis, fortes, capazes de enfrentar diferentes obstáculos, disciplinados e moralmente educados, dava a ideia de uma nação livre dos conflitos sociais. A higiene moral e a saúde do corpo eram os aspectos de um corpo social saudável moralmente constituído. Essa era ideia divulgada, ou seja, a de que o país, imerso numa Ditadura, conseguia manter a ordem social. (CERQUEIRA SOUZA, 2015, p. 14).

De acordo com Cerqueira Souza (2015), era propagada a ideia de que um indivíduo que fosse bom nas atividades físicas, no trabalho, moral e bons costumes seria o cidadão ideal para a sociedade. Com o esporte, as competições e as aulas voltadas para a moral cívica, boa parte das pessoas ficavam a par da violência e dos abusos praticados na ditadura militar. Mais uma vez, o corpo era visto apenas como físico, as práticas eram mais voltadas a forma de controle social e de fortalecimento corporal.

Tendo em vista esse contexto, é possível compreender o porquê de a educação física ser um conteúdo isolado e uma atividade complementar do currículo escolar, com objetivos focados na preparação de atletas, nacionalismo, treinamento pré-militar, entre outros. (Betti, Zuliani, 2002, pg 74).

O corpo vem sendo estudado de forma fragmentada, onde corpo e mente/alma são vistos como opostos. A partir desse entendimento, o corpo incorpora a forma de máquina, onde há uma preocupação apenas com a saúde, o físico e o belo. (FREIRE, DANTAS (2011)

É papel da educação física formar alunos críticos, capacitados e conscientes, que respeitem as diferenças, seu corpo e o corpo daquele que o rodeia. A partir disso, é necessário questionar e refletir sobre o corpo na educação física, a ressignificação do corpo, como ele é visto e sobre a busca incansável pelo corpo dito como perfeito pela sociedade atual. (GONÇALVES, AZEVEDO, 2007).

### **1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA**

O número de produções ainda reduzidas em relação a concepção e apropriação de um corpo integral, assim como a utilização e a discussão dessa temática na escola.

### **1.2 OBJETIVOS GERAL**

- O estudo tem como objetivo conhecer sobre os trabalhos e pesquisa relacionados ao corpo da educação física.

### **1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Conhecer sobre as práticas na educação física
- Verificar o desenvolvimento corporal dentro das aulas de educação física

### **1.4 JUSTIFICATIVA**

Este trabalho realiza um levantamento de estudos até então presentes sobre a concepção corporal na educação física, tendo como foco o âmbito escolar. Objetivo do trabalho foi verificar como este tema é abordado nas escolas e a importância de se trabalhar o tema com os estudantes.

É de suma importância que o assunto seja discutido pelos profissionais de educação física, pois a área está diretamente ligada ao corpo e sua consciência corporal. Nota-se que ainda existe uma grande escassez de número de estudos relacionados a área.

## 2. REFERENCIAL TEORICO

### 2.1 O corpo e a estética

O corpo pode ser considerado reflexo dos ambientes sociais e culturais em que estamos inseridos e não apenas um produto biológico. A forma corporal está mais ligada a cultura do que a própria natureza, segundo Garcia (1998).

O padrão de beleza idealizado nos dias de hoje, é aquele em que não é perceptível as marcas do tempo, mesmo no caso em que não haja mais juventude, buscando-se uma aparência sempre jovem. (GARCIA, LEMOS, 2003).

Nesta busca pela idealização de beleza, a educação física se faz presente na modificação desses corpos por meio de exercícios, o que pode-se levar a crença de que a estética tem sido o foco principal da área. (PORPINO, 2003).

Nota-se também que traços estéticos do deus Apolo, que era um representante do ideal de beleza masculina grego, como simetria do corpo, definição corporal, corpos esbeltos e esguios, ainda se encontram presentes na educação física. É um ideal de beleza da concepção clássica. (PORPINO, 2003).

Segundo Alves, D et al. (2009), na atualidade encontra-se presente um acultramento do corpo belo, onde os conceitos e concepções de beleza vão se diferenciar de acordo com a cultura em que cada um está inserido. Numa cultura onde o “magro” é o padrão considerado aceitável, há uma recorrente busca pela satisfação corporal de modo que atenda a este padrão de normalidade.

Vindo ao encontro destes valores, as dietas restritivas e cirurgias plásticas transmitem a ilusão de que o corpo é infinitamente maleável. [todavia, ] uma vez que o ideal de beleza proposto é uma impossibilidade biológica [e mesmo psicológica] para a maioria das mulheres, a insatisfação corporal tem-se tornado cada vez mais comum” (Morgan mor., 2002, p. 20).

Como foi investigado anteriormente por Morgan, Vecchiatti e Negrão (2002), grande parte das mulheres entram numa busca incansável pelo corpo magro, objetivo que muitas vezes não é atingido. Já o sexo masculino, como foi apresentado por Labre (2002), almeja uma definição corporal que seja composta por músculos e com reduzido percentual de gordura.

Os ideais de beleza são modificados ao longo do tempo. Antigamente, o belo se encontrava em formas arredondadas, já na atualidade, a beleza está associada a magreza e juventude para as mulheres e a músculos para homens. (ALVES, D. et al. 2009).

Atualmente, observa-se na academia pessoas com corpos malhados e definidos e outras que compartilham do mesmo objetivo. De um modo geral, a maior parte dos frequentadores de academias são pessoas com um poder aquisitivo entre médio a alto, sendo consideradas como saudáveis e com bom suporte financeiro e nutricional e na maioria das vezes em busca de uma melhoria estética. (ESTEVÃO E MARCOS, 2004).

É questionado se saúde está estritamente ligada a prática de atividade física ou a um estilo de vida ativo. Palma e colaboradores (2003a) e Mira (2000), questionam se é o exercício que promove a saúde ou se são outros fatores, como nível econômico, que conduz as pessoas a prática de atividade física.

Para conseguir esse corpo “malhado”, pessoas que não podem ou não conseguem se submeter a procedimentos estéticos clínicos, como cirurgias plásticas, dentre outros, se submetem a prática de várias atividades físicas e a uma dieta restrita. Muitas vezes, não seguem orientações de um personal trainer, mas pela grande mídia, o que incentiva muitas pessoas, principalmente aquelas que não possuem poder aquisitivo para contratar um profissional, a se tornarem autodidatas, prescrevendo suas próprias dietas alimentares. (ESTEVÃO E MARCOS, 2004).

Malysse (2002), afirma que revistas femininas apresentam um discurso de que para mudar o corpo é preciso força de vontade e que a mudança acontece através de um trabalho duro e árduo, esquecendo de dizer que é preciso também de um bom suporte financeiro e não apenas de vontade e determinação de cada um, pois existem vários outros fatores necessários para corroborar com essa mudança corporal, como uma dieta alimentar de qualidade, um espaço para a realização de atividades físicas e tempo e dinheiro para conseguir alcançá-los.

Como foi abordado por Silva e Porpino (2015), na busca pelo corpo forte e definido e com baixo nível de gordura, as pessoas vêm se sujeitando ao uso indevido de suplementos alimentares, anabolizantes, dentre outros, sugerindo-se uma reflexão a respeito sobre até onde o homem pode chegar para alcançar o corpo idealizado.

Porém, aqueles que estão em busca do corpo ideal, em sua maioria, esperam que o resultado seja rápido e quase instantâneo, o que, biologicamente, não é possível, a não ser por intervenções cirúrgicas ou drogas oferecidas pelas indústrias farmacêuticas. O desejo interminável de um corpo ideal de acordo com os padrões midiáticos, acaba induzindo as pessoas a práticas extremas para se livrarem do excesso de gordura corporal, pois é considerado errado e responsabilidade própria o excesso de peso. (ESTEVÃO e MARCOS, 2004).

Assim, os indivíduos, contaminados pelo sentimento de auto-responsabilização quanto ao suposto estado lastimável estético e de saúde que consideram portar, tornam-se dispostos a lançar mão de estratégias que os distanciem, ao máximo, da norma posta: comer demais é transgressão grave, assim como ostentar um corpo obeso (feio) e economicamente dispendioso (segundo preconizações pragmáticas de entidades mundiais da saúde). (ESTEVÃO, MARCOS, 2004, p 05).

A busca pela idealização da magreza a qualquer custo, acaba ocasionando distúrbios graves, como a bulimia, que é a pratica do vômito após a ingestão de alimentos, a anorexia, onde a pessoa vai se obrigando a parar de comer para perder peso demasiadamente. Tais comportamentos são de extrema gravidade podendo levar até a morte. (ESTEVÃO e MARCOS, 2004).

De acordo com Estevão e Marcos (2004), no interior da cultura da cultura da corpolatria, também se encontra presente o fisiculturismo, uma modalidade competitiva de musculação, onde o objetivo é alcançar o maior volume de músculo possível. Para atingir o máximo dessa hipertrofia muscular, muitos se submetem ao uso de esteroides anabolizantes androgênico e várias horas na prática de atividade física intensiva. O uso prolongado desses medicamentos pode trazer riscos ao corpo e até a possibilidade de morte súbita.

De acordo com Alves, D. et al. (2009), vive-se uma supervalorização do físico em relação ao psicológico/cognitivo. No ocidente, ser magro significa ser atraente, ter competência e sucesso e aqueles que não conseguem atingir a esse padrão corporal, acabam sofrendo e desenvolvendo uma baixa auto-estima. Portanto, nota-se a importância de estudar e se discutir sobre cultura corporal, enfatizar a admiração e o valor a outras características para além da aparência física.

No âmbito escolar, ao não ser desenvolvido ou discutido o tema relacionado a estética e a imagem corporal, não se é estimulado a refletir-se criticamente sobre o assunto. Os alunos, de um modo geral, apenas reproduzem o conceito de imagem que é empregado pela mídia, dentre outros meios. (Garcia, Lemos, 2003).

Pinho Neno (1997), afirma que os professores e educandos não discutem sobre a formação estética dos alunos, já que o tema não é foco dentro das aulas.

### 2.3 Corpo na visão pedagógica

O corpo, sempre foi visto de forma dualista, onde é separado em mente/alma. É tratado como uma somatização das partes, onde cada uma é estudada e compreendida separadamente. Vive-se em uma sociedade onde o emocional de um modo geral, é desvalorizado e os seres humanos são vistos quase sempre de forma lógica e racional. (FREIRE, DANTAS, 2012).

Atualmente, existem estudos que buscam pensar e refletir sobre essa dualidade corporal, onde procura-se entender o corpo de forma integral, levando em consideração todas as suas dimensões. É importante que o tema seja desenvolvido nas escolas, de forma que estes alunos aprendam a pensar criticamente sobre o assunto.

Para Sayão (2002), os adultos tendem a exercer uma relação de poder com as crianças, retirando o direito de movimentar-se, o que poderá desenvolver indivíduos com corpos controlados e menos autônomos. Nem mesmo nas escolas se discute e trabalha-se diretamente corpo em todas as suas dimensões, a pedagogia atua apenas “sobre” e através desse corpo. (SAYÃO, 2002).

No artigo de Freire, Dantas (2012), foi apresentado uma pesquisa com alunos de 9º anos de uma escola localizada em Natal. O estudo foi desenvolvido no ano de 2010, onde através de questionários com questões abertas, foi questionado aos alunos sobre o que eles compreendem sobre corpo. As respostas encontradas, foram basicamente relacionadas a um corpo que é visto apenas no seu formato físico, objetivando uma melhora contínua, de forma a se enquadrar no padrão do belo, forte e musculoso, sempre preparado fisicamente para o trabalho. Nota-se que há uma incorporação de máquina, sempre a serviço do consumo.

Estas são as concepções corporais disseminadas pela mídia, escola, as vezes passada pelos próprios professores, em casa. São concepções e valores que estão enraizados na sociedade em que vivemos.

A dimensão corporal deve ser vista não só numa dimensão biológica, mas também numa perspectiva que considera o contexto social, cultural e histórico. É importante discutir também sobre os direitos fundamentais das crianças relacionados a dimensão corporal, sobre o direito de se manifestarem socialmente. (BUSS SIMÃO, 2007).

É necessário investigar sobre as dimensões corporais, como enfatizado por Buss Simão (2007, p.8) “no âmbito dos estudos da infância os conhecimentos sobre o corpo numa dimensão cultural e histórica tornam-se também centrais”.

Ao considerarmos o corpo de forma integral, onde não é levado em consideração apenas sua forma física puramente biológica, mas também seus aspectos culturais, Vigarello (1978, p. 9 apud Soares, 1998, p. 17) afirma que “o corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõe os limites sociais e psicológicos que forma dados a sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões”.

Para Prout (2004), por muito tempo a sociologia reduziu a infância apenas no seu sentido sociológico, buscando fugir do reducionismo biológico até então presente. Entretanto, viu-se que essa ideia era exagerada. Buscando então resolver esta problemática. Shilling contribui com um o conceito de corpo físico e social unificado, onde esse corpo seria compreendido pelas duas dimensões ao mesmo tempo.

” [...] a partir do momento em que conferimos ao corpo uma existência biológica/física, podemos começar a verificar como ele é moldado pela sociedade por meio de hábitos sociais tais como dietas ou regimes disciplinares, e por processos simbólicos que fornecem interpretações para o corpo”. (Shilling, citado por James, Jenks e Prout, 2000, p. 224).

É de suma importância trazer como tópico a dimensão corporal das crianças na hora da formação da sua identidade, levando em consideração aspectos socioculturais, gênero, nacionalidade, entre outros, pois ao entrarmos em contato com as crianças, estamos intervindo, de um jeito ou de outro, na construção de suas identidades. (Silva, 1999).

Tomando como pressuposto as afirmativas acima, Sayão (2003b, p.132), “ o corpo não é uma máquina passiva programada que se ajusta a comandos estruturalmente determinados. Embora reconheçamos os “esforços” que os ambientes educacionais empreendem para moldar e disciplinar os corpos a padrões socialmente “aceitáveis”, a escola possibilita conhecimentos e saberes que, extrapolando a dimensão meramente cognitiva, ensinam sobre relações e interações envolvendo outras dimensões do humano” (Sayão, 2003b, p. 132).



## 2.2 Corpo na Educação física

A educação física teve um importante papel durante a implantação da ditadura militar, que ocorreu em 1964. A importância estava ligada ao desenvolvimento da aptidão física, para assim melhorar a capacidade de produção da classe trabalhadora, e para o desporto, como forma de afirmação de um Brasil como potência. (BRACHT, V 1999).

Bonfim (2003), vai afirmar que no Brasil, no final do século 20, foram implementadas leis para a obrigatoriedade da educação física dentro das escolas. A aplicação de um projeto nacional ocorre durante os anos 30, momento em que a educação física atua na construção do patriotismo e da nacionalidade. Atribui-se então, aos professores de educação física a responsabilidade de disciplinar os alunos, adestrar o físico e promover saúde por meio da prática de atividade física escolar, segundo Beltrami (1992) e Betti (1991).

A implantação da educação física dentro das escolas estava voltada para um enquadramento corporal de crianças e adultos e a escola se tornava o espaço ideal para a construção de um modelo de ser humano. No Brasil, a educação física sofreu influências dos médicos higienistas e do interesse do estado, que queria uma disciplinação de corpos através das práticas de atividades físicas dentro da escola, como por exemplo a ginástica. (BONFIM 2003).

Segundo Filho, Bandeira e Jorge (2005), a escola é um excelente espaço para se pensar e refletir criticamente sobre a educação do corpo. Foi também utilizada como meio de controle social por parte do sistema dominante. Técnicas de disciplina eram utilizadas com o objetivo de controlar e direcionar comportamentos. Uma parte significativa dessas técnicas eram ensinadas dentro das aulas de educação física. Afirmações estas que podem ser confirmadas no trecho abaixo:

Essas técnicas se materializam no âmbito escolar com o intuito de docilizar o corpo” através do controle de ações, adestramento de gestos, manipulação de desejos, a fim de mantê-lo submisso à ordem vigente, não manifestando qualquer atitude que fuja dos padrões de comportamento denominados corretos na sociedade. (FILHO, BANDEIRA, JORGE, 2005, p 7).

A educação física, ainda nos dias de hoje, é trabalhada de forma tradicionalista. Os alunos ainda possuem uma visão de que nessas aulas não há conteúdo a ser passado e aprendido, ou seja, é apenas um momento de recreação. Esta disciplina ainda é vista como um sinônimo de esporte, para muitas pessoas. (FILHO, BANDEIRA, JORGE. 2005).

Podemos perceber que a educação corporal dentro da educação física ainda está presa a um modelo antigo e inflexível, ainda está focado no adestramento de corpos para serem fortes e ágeis, preparados para o trabalho e no desenvolvimento esportivo. É notório também a existência de um preconceito em relação à forma corporal, cor de pele e outros dentro das escolas, o que pode indicar uma omissão dos docentes e de toda a comunidade escolar em relação a educação corpo. (FILHO, BANDEIRA, JORGE. 2005).

A partir da década de 80, surge um movimento renovador da educação física brasileira, onde começa a ser questionado e analisado criticamente o paradigma da aptidão física. A partir disso, foi incorporado também pela educação física a discussão que estava acontecendo neste momento, sobre o caráter reprodutor da escola e uma possível transformação no capitalismo presente na época. (BRACHT, V 1999).

A partir disso, surgem algumas propostas em relação a educação física e uma delas é a crítico-superadora, desenvolvida por Dermeval Saviani e colaboradores, que apresenta como área de conhecimento da ed. Física a cultura corporal, a ser trabalhada por meio do esporte, ginástica, jogos, gímnica, lutas e dança. (BRACHT, V 1999).

A concepção crítica emancipatória é outra abordagem formulada por Elenor Kunz da UFSC, que teve Paulo Freire como grande influência em suas composições (Kunz 1991). Sua pedagogia é baseada num sujeito autônomo e crítico, além de entender o movimento humano como uma forma de comunicação com o mundo. (BRACHT, V, 1999).

Ainda nos anos 80, surgem debates políticos e educacionais dentro da educação física, e o significado da área começa a ser questionado e refletido. A partir de 1999 surgem os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), com o objetivo de auxiliar no planejamento curricular quanto a elaboração e execução dos conteúdos escolares, além de levar uma reflexão sobre o exercício diário aos professores. (BONFIM 2003).

Cabe a educação física estimular o desenvolvimento dos alunos para uma análise crítica social, a respeito de padrões de beleza impostos pela sociedade, sobre gênero, onde meninos e meninas aprendam a se respeitar e a serem tolerantes uns com os outros, de forma a desenvolver o respeito e a não reprodução de estereótipos autoritários. (ABRANTES, 2009). Segundo os Parâmetros Curriculares (1997, p 20):

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, tais como os padrões de beleza e saúde, que se tornaram dominantes na sociedade, seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social e a

atuação dos meios de comunicação em produzi-los, transmiti-los e impô-los; uma discussão sobre a ética do esporte profissional, sobre a discriminação sexual e racial que existe nele, entre outras coisas, pode favorecer a consideração da estética do ponto de vista do bem-estar, as posturas não-consumistas, não-preconceituosas, não-discriminatórias e a consciência dos valores coerentes com a ética democrática.

Ao trabalhar com os jogos durante as aulas, desenvolvimento do respeito, do trabalho em equipe e da empatia deve ser incentivado. É necessário que seja trabalhado a importância de saber ganhar e perder, não provocando ou humilhando o time derrotado e sabendo reconhecer e aceitar quando a vitória não for alcançada. (ABRANTES, 2009).

Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. Em relação à postura diante do adversário podem-se desenvolver atitudes de solidariedade e dignidade, nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado. (Parâmetros curriculares nacionais, 1997).

Ao utilizar o movimento como um meio e não como um fim, o aluno aprenderá desenvolver o seu potencial diante das limitações, utilizando o corpo como um meio de se expressar e se comunicar, construindo, assim, o conceito de realidade. (FERRAZ, 1996).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), através da educação física escolar é possível aos alunos acessar conhecimentos práticos e conceituais a partir da mudança do foco em aptidão física, que por muito tempo foi característica desta disciplina, para uma educação física capaz de abranger todas as dimensões corporais. É necessário que o potencial dos alunos seja trabalhado e potencializado durante as aulas, tendo como foco o aprimoramento como seres humanos, portanto, alunos com deficiência física ou com qualquer tipo de comprometimento devem ser incluídos nas aulas.

Pode-se perceber que através dos PCNS e afins, é possível encontrar orientações sobre como ministrar de forma qualificada a disciplina de educação física dentro das escolas, entretanto, como foi afirmado no texto de Filho, Bandeira e Jorge (2005), muitos profissionais da área ainda estão presos no adestramento de corpos, na busca pelo alto rendimento e numa educação física esportivista, deixando de abordar todas as outras dimensões, que são de suma importância para o desenvolvimento do discente.

De acordo com Ferreira, Daiolo e Almeida (2017), a mediação pedagógica deve acontecer de forma que sejam propostas discussões a respeito das marcas produzidas no corpo dentro do ambiente escolar e também fora dele. A partir dos saberes dos adultos e dos saberes infantis, é possível que os conhecimentos sobre a aula de educação física sejam construídos.

O docente pode incentivar que as crianças expressem seus entendimentos e um novo conhecimento sobre a cultura corporal pode ser construído a partir dos próprios saberes e culturas infantis. Não por comparações que busquem igualdade, mas a partir das diferenças.

#### **2.4 Corpo na educação infantil (educação física)**

O corpo é influenciado social e culturalmente no ambiente no qual está inserido. Até então, o corpo era compreendido de forma fragmentada. Esse reducionismo e essa tensão existente entre essas dimensões, acabam comprometendo uma maior compreensão do corpo em sua totalidade. (Buss Simão, 2009).

Buscando resolver esse reducionismo, Mendes e Nóbrega (2004), afirmam em seus estudos que o ser humano deve ser considerado como biocultural, pois ao mesmo tempo em que é biológico, produto da natureza é também cultural. O que pode ser confirmado na citação abaixo de Buss Simão (2009, p. 6):

Na esteira dessas considerações, portanto, concebe-se que tanto a infância como o corpo, são determinados e constituídos nas dimensões sociais, culturais e históricas, e também biológicas, já que não faz mais sentido, como o já esposto, continuar afirmando oposições entre natureza e cultura.

Os professores ao interagir com as crianças, de uma forma ou de outra estão intervindo na construção de personalidade infantil, portanto é preciso que a dimensão corporal seja trazida como tema para o ambiente escolar. É importante que esta dimensão corporal não envolva apenas cuidado com a higiene e alimentação, coisa que é muito recorrente ainda nos dias de hoje. (Buss Simão, 2009).

A educação básica, que se dá dos 0 aos 6 anos, tem como função ajudar no desenvolvimento das bases fundamentais para a aprendizagem, buscando contribuir para este desenvolvimento, é necessário que seja abordado atividades que envolvam jogos, linguagem, dentre outros, sem que não seja deixado de trabalhar a dimensão corporal dessas crianças. É necessário que os educadores, pais, mães e todos aqueles que se

envolvam de alguma forma com a pequena infância, aprendam a “ler” e entender a linguagem corporal dentro das brincadeiras. (Buss Simão, 2009).

Dentro da educação física, é defendido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Brasil, 1996), que esta disciplina seja componente curricular da educação básica, como podemos ver no Art. 26, § 3, “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos”.

A compreensão e o trabalho com a cultura corporal é de responsabilidade da educação física. Conteúdos como dança, luta, brincadeiras dentre outras são movimentos que podem ser utilizados pelas crianças como meio de expressão corporal. (EHRENBURG, 2014).

De acordo com Sayão (1999), a educação física surge nas pré-escolas, primeiramente, no setor privado, com a multiplicação das escolinhas infantis, nas décadas de 70 e 80, que utilizavam como marketing balé, jazz, artes marciais, dentre outros para atrair clientes com condições financeiras suficientes para pagar por esses serviços.

A educação física dentro da educação infantil, tem a possibilidade de criar um espaço aonde as crianças aprendam linguagem corporal brincando, onde situações sejam criadas para que as crianças conheçam uma variedade de manifestações de culturas corporais, tendo sempre um professor orientador para mediar este processo educativo (Ayoub, 2001).

Ayoub (2001), apresenta uma crítica em relação a formação dos profissionais de educação física, segundo a autora, falta uma discussão em relação a educação infantil o que faz que quando haja profissionais de educação física na educação infantil, ocorra apenas uma aplicação de “joguinhos” com função de divertir as crianças. Isso acaba gerando aquela velha concepção de dualidade, onde a educação física fica responsável pelo corpo, e o resto das disciplinas pelo intelecto.

Ayoub (2001), afirma que por meio das ações de se movimentar e de brincar, a criança se descobre e descobre o mundo. “[...]a educação física na educação infantil, para ser relevante e justificada, precisa auxiliar na leitura do mundo, por parte das crianças com as quais trabalha, partindo do pressuposto da construção de si mesmo, no decorrer desse processo de ‘alfabetização’”. (Grupo de Estudos Ampliado de Educação Física, 1996, p.51).

Apesar de não ser possível negar que a educação física atue especificamente no âmbito da cultura corporal, é necessário lembrar que não é a única a atuar nessa dimensão. Deve-se refletir também sobre o sexismo dentro das aulas de educação física, onde se encontra no setor privado, aulas de balé para meninas e de luta para meninos, o que além de limitar o conhecimento das crianças em relação a outras atividades e culturas corporais, ainda reforça estereótipos em relação as práticas corporais. (Ayoub, 2001).

“Sendo gênero uma categoria relacional, há de se pensar sua articulação com outras categorias durante as aulas de educação física, porque gênero, idade, força e habilidade formam um ‘emaranhado de exclusões’ vividos por meninas e meninos na escola” (Sousa & Altmann, 1999, p.56).

Dentro da educação física, “existe a possibilidade de ampliação de espaços para a construção de relações não-hierarquizadas entre homens e mulheres, para a qual a escola pode contribuir”. (Sousa & Altmann (1999, p.64)

Embora tenha ocorrido um grande avanço em relação a educação infantil, ainda não é possível encontrar uma educação de qualidade à todas as crianças. Infelizmente, muitas escolas infantis ainda não possuem profissionais de educação física em seu corpo docente, segundo Ehrenberg (2004).

O artigo de Coelho VA et al. (2018), apresenta um estudo, onde foi realizada uma pesquisa de campo a respeito da importância de algumas atividades a serem apresentadas pelos professores em pré-escolas. O resultado foi coletado por meio de um questionário que continha dois tipos de atividades, as que estimulam o exercício físico e as que tendem ao sedentarismo, como assistir televisão, conversar com os amigos, pintar, trabalhos manuais. Praticar leituras e cálculo e participar de sociodramas.

Os resultados apontaram que apesar de considerarem importante a prática de atividade física na pré-escola, a frequência de realização dessas atividades é reduzida. O autor recomenda que discussões a respeito do currículo infantil sejam realizadas, de forma que os níveis de realização de atividade física na educação infantil sejam significativos, minimizando então o problema apresentado. (Coelho VA et al, 2018).

## **2.5 Corpo no ensino fundamental da Ed. Física**

A educação física é uma disciplina obrigatória na educação básica, anos iniciais e finais do ensino fundamental. Temas como jogos, brincadeiras, são conteúdos referentes a disciplina, entretanto, não devem ser vistos apenas como recreação, apesar de também possuir esta característica. (BRASIL, 2013; IRATI, 2009).

Nos anos iniciais, quando os professores de educação física não possuem objetivos pedagógicos, estes momentos tornam-se apenas um tempo livre, um recreio para os alunos, um momento somente de recreação, ocorrendo a descaracterização das aulas. (FARIA, 2014).

No estudo de Filho, Bandeira e Jorge (2005), foi realizada uma pesquisa e observação das aulas com alunos da 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> séries. Os resultados demonstraram que alunos entrevistados não reconhecem as aulas de educação física como uma disciplina importante relacionada a educação corporal, sendo identificados no estudo, apenas um conhecimento relacionado a dimensão biológica.

Foi observado também durante as aulas, a existência de um preconceito em relação a cor, pele, estatura e a própria estética corporal. Pode-se perceber nas falas dos alunos um padrão corporal imposto pela indústria midiática, família e sociedade, considerando-se como belo apenas o modelo de corpo visualizado na tela de televisão.

De acordo com Filho, Bandeira e Jorge (2005), a educação corporal através do esporte ainda é um dos principais meios utilizados dentro das escolas. O esporte ainda é trabalhado como recreação ou como esporte de alto rendimento, onde acontecem treinamentos para campeonatos durante as aulas.

Devido ao seu histórico e suas origens militaristas e higienistas, o foco da educação física é enfatizado na padronização do rendimento e na da aptidão física, entretanto, essa ênfase deve ser superada, buscando uma educação física que inclua todas as dimensões humanas dentro das práticas corporais. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998).

No artigo de Martins e Felker (2008), foi exposta uma pesquisa feita com alunos de seis escolas do ensino fundamental da rede pública, em Arroio do Sal, onde através de um questionário foi constatado que dentre as seis escolas, apenas duas possuíam professores da área atuando como discentes de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série, ainda em processo de formação. Nas escolas restantes, os responsáveis por ministrar as aulas de educação física eram os professores das classes, com cursos de magistérios.

Pode-se perceber então, que ainda nos dias de hoje, são encontradas escolas onde os profissionais de educação física são substituídos por profissionais de outras áreas. Portanto, os dados demonstram que é possível questionar o papel e a importância do professor de educação física e a forma como é visto pela sociedade, entendida apenas como uma disciplina de reprodução de jogos meramente recreativos e práticas físicas sem fins pedagógicos.

Através da educação física escolar, é possível desenvolver aspectos sociais, emocionais, cognitivos além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades motoras, na permanência dos alunos nas escolas, na melhoria da qualidade de vida e das capacidades físicas, quando ministradas principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Apesar do seu dever de encorajar os alunos a prática de uma vida ativa, não deve se limitar excepcionalmente a este papel, é dever também incentivar a crítica aos determinantes econômicos, sociais, políticos e ambientais em relação aos seus conteúdos. (MARTINS, FELKER, 2008).

De acordo com Freire, os profissionais de educação física devem estimular as crianças a criarem suas próprias regras e a aprenderem a se organizar, fazendo então com que as mesmas desenvolvam sua autonomia sem interferência direta do professor.

Os conteúdos receitados durante as aulas devem capacitar os alunos a refletir e analisar criticamente sobre os valores sociais, como padrões de beleza e saúde, competição exacerbada e a influência disso na exclusão e discriminação social. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998).

## **2.6 Educação Física no Ensino Médio**

Na educação física escolar, é possível notar que a mesma se encontra numa fase de questionamentos e avanços em relação à forma como esta disciplina é vista, entretanto, ainda se encontram alunos descontentes com a disciplina, seus professores e com a falta de diversificação de conteúdos. (BONFIM 2003).

Apesar da LDB trazer aspectos de valorização do ser humano em sua íntegra, ainda não é tão notório tal abordagem dentro das práticas de educação física escolar. Para o autor, uma melhor compreensão sobre corporiedade e uma aplicação da mesma, pode contribuir de forma significativa para uma educação física de qualidade, analisar essa corporiedade na educação física é o mesmo que trazer uma reflexão para prática corporal e uma diversificação da mesma. (BONFIM 2003).

De acordo com Batista, Oliveira & Melo (2012), historicamente, corpo e mente são tratados com prioridades diferentes, o corpo é disciplinado e controlado em prol de



não gerar prejuízos ao ambiente de aprendizagem intelectual. Esse contexto de educação fragmentada está presente a séculos e se repete até os dias de hoje. Ainda seguindo essa linha de raciocínio, Nóbrega (2005, p. 51) vai afirmar que o corpo:

“[...] é importante na aprendizagem, mas a escola apela somente ao cérebro, talvez porque não saiba lidar com ele, com sua diversidade e mutabilidade. A aprendizagem é identificada com a imobilidade, por isso o corpo é expulso da ação pedagógica”.

Assmann (2007), traz o conceito de que todo e qualquer conhecimento tem uma inscrição corporal, para o autor, a aprendizagem é, também, um processo corporal. Essa mesma visão pode ser reafirmada por Dias e Melo (2011), que embasados nos estudos de Celestin Freinet, consideram que a aprendizagem se torna mais significativa quando o aluno a experimenta com seu próprio corpo.

A educação física é um importante, mas não único, espaço onde é possível romper com essa barreira de imobilidade corporal. Araújo (2005), afirma que a educação física deve proporcionar vivências de culturas corporais de forma crítica, reconhecendo os movimentos trazidos pelos próprios alunos para dentro das aulas, obtendo como produto uma relação de diálogo corporal com a cultura que o rodeia.

“a experiência da aprendizagem em si é o que mais configura os conteúdos de ensino. O coletivo docente deve cuidar para a integração da própria cultura experiencial e da cultura dos alunos, com as vivências nas aulas e os conhecimentos que se pretende ensinar” (NEIRA E NUNES, 2009, p.260).

Numa pesquisa realizada por Darido (2004) em escolas de ensino público com alunos de fundamental a médio, localizadas em Rio Claro, constatou-se, através de um questionário, que no ensino médio, as matérias consideradas mais importantes pelos alunos, são português e matemática, boa parte devido a concepção racionalista escolar.

Constatou-se também o aumento da quantidade de alunos que consideram a educação física como chata e sem importância, além de 20% das turmas apresentarem dispensa das aulas. Através dos resultados foi possível perceber também que educação física é sinônimo de saúde e se resume a prática de fundamentos e execução de gestos técnicos esportivos.

O Ministério da Educação, traz um novo projeto em relação a reformulação do ensino médio. A LDB, Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional (Lei 9.394/96),

aponta o ensino médio como ensino básico, entretanto, deixa de ser obrigatório, mas sua oferta é de dever do Estado e de acesso a todos aqueles que a desejam.

Nessa perspectiva da nova lei, o ensino médio deve estar aliado a prática social e ao mundo do trabalho. A Base Nacional Curricular Comum (BNCC), aponta a dimensão de preparação para o trabalho, uma educação que gere conhecimento para a resolução de problemas concretos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ENSINO MÉDIO, 2000)

A reforma do ensino médio divide o conhecimento em três áreas, Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: ENSINO MÉDIO, 2000).

A disciplina educação física, se encontra dentro da área de linguagens códigos e suas tecnologias. Ao experimentarem práticas como ginástica, lutas, esportes, é possível que venha a contribuir para a formação de sujeitos capazes de transformar a cultura corporal do movimento, trazendo um papel reflexivo sobre o exercício das práticas corporais na sociedade. (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, 2017).

A BNCC (2017), apresenta um entendimento sobre a cultura corporal do movimento onde se faz necessário trazer as experiências pessoais dos alunos para uma reflexão dentro das aulas, pois os movimentos são mediadores dos conteúdos e a cultura corporal é entendida como um conjunto de práticas culturais.

No BNCC (2017), para o ensino fundamental, procura-se assegurar aos alunos o conhecimento e a vivência das práticas de lutas, dança, ginástica, esportes, brincadeiras e jogos de forma a compreendê-las, vinculadas a percepção de mundo e valores, além de indicar para as aulas uma reflexão sobre estética e padrões de beleza, desempenho físico, saúde, estereótipos, consumo e relações midiáticas.

O BNCC (2017) do ensino médio, aponta sobre a necessidade da ampliação e aprofundamento dos conteúdos trabalhados no ensino fundamental, que são os esportes, dança, ginástica, lutas, brincadeiras, entre outras. É necessário tratar sobre o direito da comunidade às práticas corporais, problematizar essa prática em relação a saúde e lazer de forma que os alunos adquiram a capacidade de se posicionarem criticamente em relação ao corpo, a cultura corporal e a consolidação da autonomia prática desses alunos.

De acordo com Pérez Galardo (2003), na 1ª série do ensino médio, os objetivos específicos dessa série giram em torno de conhecer e analisar as manifestações culturais realizadas pela turma, desde o ponto de vista das capacidades físicas biológicas aos

aspectos comportamentais, de forma a entender a complexidade da atividade realizada até o ponto de vista sócio cultural.

No 2º série do ensino médio, os alunos devem desenvolver habilidades de liderança, organizar as manifestações culturais desenvolvidas em sala de aula e no 3º do ensino médio avançar para a organização de manifestações culturais desenvolvidas pela comunidade, onde a escola está inserida.

Ao final deste ciclo, almeja-se que os alunos tenham motivação para buscar informações que o auxiliem a gerenciar as manifestações culturais de forma a se integrar ao mundo social. Ao ser avaliado, as críticas construtivas feitas pela comunidade e pelo professor devem auxiliar no desenvolvimento dos alunos de forma que não só absorvam os conteúdos, mas que também aprendam a desenvolver de forma prática aquilo que se foi aprendido, trazendo melhorias para a comunidade ao qual está inserido.

### **3. METODOLOGIA**

Este trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica, segundo base Marconi e Lakatos (2003). Os artigos selecionados estão entre os anos de 1991 a 2018.

O presente estudo utilizou como bases de dados o Google Acadêmico, Periódico da Capes e Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.

Para o estudo foram realizadas leituras de artigos nas áreas de Pedagogia, Educação Física, Artes, Sociologia entre outros, fornecendo embasamento teórico necessário sobre o assunto abordado. A partir disso, os capítulos foram divididos de acordo com o tema trabalhado relacionando a Educação Física.

As palavras chaves utilizadas foram: Educação física, Corporeidade, Corpo na Educação Física, Escola.

### **4. DISCUSSÃO**

De acordo com Filho, Bandeira, Jorge (2005), o corpo é um fenômeno complexo e por meio dele é possível que a realidade, a qual estamos inseridos, possa ser compreendida. Nele está inserido alguns valores políticos, sociais, econômicos do momento histórico no qual percorre a jornada do homem social.

Considerando a escola como um espaço destinado para a formação humana e para a aquisição de conhecimentos, o corpo no contexto da educação física passa a ser um elemento utilizado para intervenções pedagógicas, trazendo uma concepção corporal voltada, quase sempre, para o biológico, exaltando saúde e a boa forma, observando-se a separação da educação intelectual da educação corporal. (FILHO, BANDEIRA, JORGE, 2005)

Historicamente, a razão torna-se a essência humana, enquanto o corpo um mero objeto educado com base nos valores sociais da época, onde gestos e atitudes eram controlados através de técnicas e movimentos disciplinares de forma a criar corpos dóceis, adestrados e obedientes, enquadrados nos padrões de comportamentos idealizados pela sociedade. (FILHO, BANDEIRA, JORGE, 2005)

No estudo realizado por Filho, Bandeira, Jorge (2005), foi possível verificar, através dos resultados das pesquisas realizadas na observação das aulas de educação física, ciência e ensino religioso de turmas de 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> séries, que os estudantes ainda consideram o corpo apenas em seu aspecto biológico, não o reconhecendo diante de uma educação física responsável e comprometida com o desenvolvimento do conhecimento sobre este tema.

A disciplina de ciências ainda ensina sobre um corpo fragmentado e descontextualizado, restrito apenas ao biológico e ao restringi-lo apenas ao âmbito biológico, ocorre uma naturalização de preconceitos como discriminação racial, homofobia, exclusão social. (FILHO, BANDEIRA, JORGE, 2005).

Bracht (1997) vai afirmar que Foucault acredita que dentro da escola o corpo é submetido a procedimentos disciplinares. O autor afirma ainda, que de acordo com Adorno (1985), a manipulação psíquica é a principal maneira de adestrar e disciplinar um corpo, podendo ocorrer pela indústria cultural, onde o esporte olímpico é um importante ator.

Na época da ditadura militar, que teve início em 1964, o esporte e a atividade física tinham como objetivo disciplinar os corpos e evitar críticas e questionamentos ao governo. Dentro das escolas, os alunos praticavam esporte e atividades físicas para alcançar um sentimento nacionalista, além de proporcionar o descobrimento de atletas para representar o país em competições esportivas. (Sousa, 2015).

Para Filho, Bandeira e Jorge (2005), a educação do corpo através do esporte ainda é muito presente dentro da educação física escolar, o esporte apresenta uma hegemonia dentro dos conteúdos ministrados pela disciplina.

O histórico militar da educação física deixa marcas até hoje, onde apesar de existirem leis que orientam os professores a ministrarem aulas com diferentes conteúdos e manifestações corporais, o esporte, ainda é um conteúdo hegemônico dentro das aulas.

Na pesquisa feita por Filho, Bandeira e Jorge (2005) com alunos de 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> séries, o tema central das aulas de educação física foi o esporte como recreação. O impacto disso

na visão que os alunos possuem sobre a educação física foi que, a educação física é um momento para se jogar futebol, de preferência sem interferência do professor.

Esses relatos refletem no problema de se trabalhar o esporte sem fins pedagógicos, pois os alunos não o reconhecem como conteúdo a ser aprendido, e sim como uma mera reprodução de brincadeiras de rua, um momento de recreação. (Filho, Bandeira e Jorge, 2005). A questão a ser observada e discutida não é a inserção do esporte nas aulas, mas em ministrá-lo sem fins pedagógicos e tratá-lo como conteúdo hegemônico, privando os alunos de conhecerem outras manifestações corporais.

Ainda nesse estudo, foi possível notar que o entendimento de belo e de padrão corporal que os alunos apresentam, são aqueles que são passados pela indústria midiática, sociedade. Na indústria capital, muitas vezes o corpo acaba se tornando mercadoria, onde as pessoas saem numa busca incansável pelo belo e perfeito. (FILHO, BANDEIRA, JORGE, 2005)

De acordo com Alves, D et al. (2009), ideal de estética corporal foi mudando de acordo com a mudança de valores e de comportamentos. Visando alcançar uma satisfação corporal, muitas pessoas se submetem a dietas, uso de diuréticos, laxantes entre outros. Para Morgan, Vecchiatti e Negrão (2002), esses comportamentos podem acarretar no desenvolvimento de distúrbios alimentares graves.

Para Lemos (2003), vive-se em um contexto social, onde o que se aparenta ser vale mais do que aquilo que se realmente é. A sociedade a todo tempo impõe padrões de beleza a serem seguidos, tendo em vista que a sociedade se encontra na era da imagem, é papel da escola trabalhar e abordar temas como estética, para que os jovens aprendam a ser críticos e não sejam apenas reprodutores de conceitos de determinada imagem.

## **5. CONCLUSÃO**

Embora tenha ocorrido um avanço na educação física, relacionando aos estudos do corpo e da cultura corporal, os profissionais ainda se encontram limitados a uma concepção de corpo apenas em seu aspecto físico, propondo atividades com reduzida ou nenhuma reflexão sobre o que encobre as reais dimensões corporais. Observa-se que apesar das leis que orientam os profissionais de educação física a trabalhar a diversidade de conteúdos e práticas corporais, o esporte ainda é hegemônico nas escolas.

A educação física está muito ligada a um preparo de corpo físico, saudável, forte e belo e ainda reforça, por vezes, padrões de beleza reproduzidos pela sociedade e pela indústria midiática. Apesar de possuir um excelente espaço para desenvolver temas como

estética, visando possibilitar a formação de alunos críticos e não apenas reprodutores do que é visto na sociedade em que estão inseridos, os professores de educação física no contexto escolar ainda não contempla temas de suma importância a educação social e cultural nas aulas.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRANTES.R.M. **Proposta Curricular de Educação Física Rede Promove**, Belo Horizonte-2009.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES, D. et al. **Cultura e imagem corporal**, Fundação Técnica e Científica do Desporto, 2009.

ARAÚJO, A.C. **Correr, saltar, lançar, dialogar: uma reflexão sobre corpo e aprendizagem nas aulas de Educação Física**. Natal (RN), Dissertação (Mestrado) – UFRN. 2005.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007. 10ª Ed.

AYOUB E, **Reflexões sobre a educação física na educação infantil**, Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.4, p.53-60, 2001.

BASES CURRICULARES NACIONAIS Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146.

BATISTA, A. P., OLIVEIRA, I. P. B., & DE MELO, J. P. **Corpo, aprendizagem e cultura do movimento: Uma experiência pedagógica com o ensino do conteúdo jogo nas aulas de educação física do IFRN**. *Holos*, 6, 237-248, 2012.

BELTRAMI, D. M. **A educação física no âmbito da política educacional no Brasil pós-64**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M; ZULIANI, L.R. **Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 1, Número 1, 2002.

BONFIM, T. R. **O sentido de corporeidade e a atuação profissional do professor de educação física do ensino médio público**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**, Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: CEFD-UFES, 1997.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 23 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretária de Educação Básica (SEB). **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013.

Brasil. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC, 2000.

BUSS SIMÃO, M. **A dimensão corporal: implicações no cotidiano da educação da pequena infância**. magis, Revista Internacional de Investigación en Educación, 2 (3), 129-140, 2009.

BUSS SIMÃO, M. **Crianças, infância, educação e corpo**. Departamento Interfacultativo de Psicología Evolutiva y de la Educación, 2007.

COELHO VA ET AL. (Des) **Valorização da atividade física na pré-escola por professores**, Rev Bras Ciênc Esporte;40(4):381-387, 2018.



COSTA, L; SANTOS, M; GÓIS JUNIOR, E. **Discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX)**, Revista Brasileira Educação Física Esporte, São Paulo, 2014.

DARIDO, S.C. **A educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física**, Rev Bras Educ Física Esporte 2004;18(1):61-80.

DIAS, M. A., MELO, J. P. **A Pedagogia Freinet e a Relação Corpo e Aprendizagem na Educação. EDUCAmazônia Educação, Sociedade e Meio Ambiente**. Humaitá/AM , Ano 4 ,v. 7, n. 2, p. 28-44 jul-dez, 2011.

EHRENBERG, M.C. **A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil**. *Pro-Posições* [online], vol.25, n.1, pp.181-198. ISSN 1980-6248, 2014.

ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M . **Cultura da corpolatria e body-building: notas para reflexão**, Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Ano 3, Número 3, 2004.

FARIA, E.L. **Quando “rola a bola”: reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 501–513, abr. 2014.

FERRAZ, O. L. **Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade A questão da pré-escola**. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.16-22, 1996.

FERREIRA, F. M; DAILOLO, J; ALMEIDA, D.F. **a cultura do corpo das crianças: diferenças e significados produzidos nas aulas de Educação Física**. Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 4., p. 1217-1228, out./dez. de 2017.

FILHO, L.A; BANDEIRA, L.B; JORGE, A.C. **A educação e corpo em ambientes educacionais**. Pensar a Prática 8/2: 141-161, 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, HOLOS, Ano 28, Vol 4, 2002.

GALLARDO, J. S. P. **Educação Física Escolar: do berçário ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GARCIA, R. **Lição de síntese: provas de agregação**. Porto: Universidade do Porto, 1998.

GARCIA, R; LEMOS, K. **A estética como um valor na educação física**. Revista paulista Educação Física, São Paulo, 2003.

GHIRADELLI Jr., P. **Educação física progressista: A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física**. São Paulo: Loyola, 1992.

GONÇALVES, A.S; AZEVEDO, A.A. **A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade**. Pensar a Prática 10/2: 201-219, jul./dez. 2007.

GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Diretrizes curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis-SC: registro da parceria NEPEF/UFSCSME/Florianópolis**, 1993 a 1996. Florianópolis, NEPEF/UFSC-SME, 1996.

I. M. FREIRE e M. H. de A. DANTAS, **Educação e corporeidade: Um novo olhar sobre o corpo**. HOLOS, Ano 28, Vol 4, 2012.

IRATI. Secretaria Municipal de Educação (SME). **Proposta curricular da rede municipal de ensino de Irati**. Irati, PR: SME, 2009.

JAMES, A; JENKS, C. e PROUT, A. **O corpo e a infância**. In W.O. Kohan e D. Kennedy (eds.), *Filosofia e Infância: Possibilidades de um encontro*, 2a Edição (pp. 207-238). Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

KUNZ, E. **Educação física: Ensino & mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

LABRE, M. **Adolescents boys and the muscular male body ideal**. *Journal of Adolescent Health*, 30 (4), 233-242, 2002.

MALYSSE, S. **Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca**. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Nu e vestido*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**: 5 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MARTINS, L; FELKER, MFC; **Estudo diagnóstico sobre a educação física nas escolas públicas nas séries iniciais e ensino fundamental no município de Arroio Do Sal/RS**. *Cinergis* – Vol 9, n. 2, p. 1-14 Jul/Dez, 2008.

MENDES, M. I. B. de S; NÓBREGA, t. P. **Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação**. *Revista Brasileira de Educação*. 27. 125-137, 2004.

MIRA, C. M. **O declínio de um paradigma: ensaio crítico sobre a relação de causalidade entre exercício físico e saúde**. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

MORGAN, C., VECCHIATTI, I. & NEGRÃO, A. **Etiologia dos transtornos alimentares: Aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 24, 18-23, 2002.

NEIRA, M. G., NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo, editora Phorte, 2009.

NÓBREGA, T. **Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo sujeito**. 2ª Edição, Natal, RN: EDUFURN, 2005.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. **Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde.** In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). A saúde em debate na educação física. Blumenau: Edibes, 2003a.

**Parametros curriculares nacionais : Educação física/ Secretaria de Educação Fundamental** – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

**Parâmetros curriculares nacionais:** Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

PINHO NENO, J.A. **Educação artística e estética para uma formação integral.** In: PATRÍCIO, M.F. (Org.). A escola cultural e os valores. Porto: Porto Editora, 1997. p.311-7.

PORPINO, K. de O. **Interfaces entre corpo e estética: (re) desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física.** In: LUCENA, R.; SOUZA, E. (Org.). Educação Física, esporte e sociedade. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2003. p. 145-160.

PROUT, A. **Reconsiderar a Nova Sociologia da Infância: Para um estudo interdisciplinar das crianças.** Ciclo de conferências em Sociologia da Infância 2003/2004. Disponível:  
<http://www.iec.uminho.pt/ModuleLeft.aspx?mdl=~/Modules/UMEventos/EventoView.aspx&ItemID=128&Mid=37&lang=pt-T&pageid=25&tabid=11> (Acesso em 3/3/2005).

SOARES, C. L. **Corpo, conhecimento e educação.** In C. L. Soares (org.), **Corpo e história** (pp. 110-129). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2001.

SAYÃO, D. T. **Corpo e movimento: Notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 23 (2), 55-67, 2002.

SAYÃO, D. T. **Corpo, poder e dominação: Um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu.** Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, 21 (1),121-149, 2003b.

SAYÃO, D.T. **Educação física na educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias.** Motrivivência, v.11, n.13, p.221-38, 1999.

SILVA, A. M. **O corpo do mundo: Reflexões acerca da expectativa de corpo na Modernidade.** Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SILVA, F; PORPINO, O. **Nos caminhos do corpo: Reflexões sobre a beleza no contexto da educação física.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 79-92, 2015.

SOUSA R.C, **Práticas de esporte, educação física e educação moral e cívica na ditadura militar: uma higiene moral do corpo,** Revista eletrônica, 2015.

SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar.** Caderno CEDES: Corpo e Educação, n.48, p.52-68, 1999.